Passamos a publicar, nesta seção, os trabalhos apresentados no I Seminário de História Latino-Americana da Psicologia

Por Que História da Psicologia?
Por Que História Latino-Americana da Psicologia?

ANTONIO GOMES PENNA

Eis as duas questões que julgo oportuno considerar aqui. A primeira, obviamente, é mais ampla que a segunda. Oferece, por outro lado, muitas formas de abordagem. Não as esgotaremos, claro. Mas trataremos de algumas. Ocorre-me, neste momento, uma resposta bastante pertinente de que me utilizei quando de meu concurso de cátedra. Por acaso coube-me dissertar, na prova escrita, sobre a influência das idéias de Demócrito ao longo da história da psicologia. A prova a que me submetia não era, de nenhum modo, uma prova de história da psicologia. De qualquer modo tive que enfrentar o tema e o fiz lançando mão de um belo pensamento de Durkheim: "As idéias que não têm raízes no tempo, não têm raízes na realidade". Rastreei, então, a influência do grande pensador grego ao longo do tempo, destacando sua perspectiva materialista, mecanicista, associacionista, pondo em relevo sua doutrina das qualidades primárias e secundárias e cheguei a lhe detectar a presença no século XIX através de J. Muller e no século atual através de Watson. Claro que não o considerei nunca um precursor. Simplesmente porque essa figura, como tão enfaticamente assinalaram Koyré e Canguilhem, não existe. Na verdade, como observou este último "se existissem precursores, a história das ciências perderia todo o seu sentido, dado que a ciência, ela própria, não terá dimensão histórica a não ser na aparência". De qualquer modo, apontei-o como fonte de algumas idéias relevantes, intensamente exploradas ao longo deste século.

Pois o que ocorreu comigo sucede com freqüência na vida de todos os que se dedicam a psicologia. Seria melhor dizer, de todos os que se dedicam à história de qualquer ciência. Sempre acontece a oportunidade para uma incursão no passado, pela descoberta de semelhanças entre algumas idéias que pensamos atuais e outras que se produziram em épocas recuadas. Em alguns casos, essas incursões visam a proteger alguém com o peso de uma autoridade. Creio que foi o que aconteceu com Freud quando evocou Empédocles para não se sentir tão só no momento mesmo em que sua teoria do instinto de morte era rejeitada por quase todos os seus discípulos. Freud viu em Empédocles alguém suficientemente grande para lhe fornecer aval. Por uma razão por certo diferente, o recurso ao passado ocorreu-lhe em outras oportunidades e talvez nenhuma com a importância com que buscou o apoio de Sófocles.

Fique bem claro que nestes casos não se fez história senão marginalmente. Mas essa forma assim secundária de fazê-la praticamente se mostra em todos os domínios do saber. Com mais intensidade, é certo, no âmbito das ciências humanas, como observa I. Bernard Cohen em seu magnífico trabalho intitulado *The many faces of the history of science*.[1] Por outro lado, na maior parte das vezes, o que se busca não é um apoio. Antes, o que se aponta é para a relevância de uma idéia que não alcançou, na sua época, a repercussão que merecia. Lembro-me, neste instante, de Donald Hebb. Em sua bela *Introdução à psicologia*,[2] o grande neuropsicólogo exalta a figura de Walter Hunter, para mostrar que pouco antes ou contemporaneamente, pelo menos de Watson, Hunter introduziu a clássica concepção mediacional ou expressiva da fórmula S/O/R que, não obstante sua fundamentação empírica, ficou marginalizada e superada pelo esquema S/R do fundador do behaviorismo. Só bem mais tarde, a fórmula S/O/R recebia, no domínio da neurofisiologia, apoio de Lorente de Nó e de Ramon Y Cajal, e posteriormente ganhava relevância na psicologia contemporânea. Insisto em que aponto até aqui formas incidentais ou meramente marginais de se fazer história. Nenhum dos exemplos citados resultou, de fato, de uma preocupação centralizada na investigação histórica substantiva. O praticá-la como meta principal, no entanto, revela-se de excepcional importância. Funda-se na identidade proclamada por Feyerabend entre as ciências e sua história. Essa tese, de certo, é inteiramente avalizada por Canguilhem. Ambos são relembrados, ao lado de outros, em minha *História das idéias psicológicas*, quando tive oportunidade de escrever: "O conhecimento de uma ciência se iluminaria com o conhecimento de seu passado. De resto, a relação é reversível. O conhecimento do passado sempre estaria supondo o conhecimento do presente. Por outro lado, a abordagem histórica representa, como registrou Lorde Acton, eminente historiador britânico, uma das formas possíveis de abordagem de uma ciência, a outra se revelando através da análise de seus métodos específicos. No que concerne à abordagem histórica, ela, efetivamente, permite que se acompanhe a proposição de problemas e a seqüência das soluções que se propuseram para resolvê-los e que, na realidade, serviram para que novas questões pudessem ser propostas ou produzidas. Em Piaget encontramos uma justificativa altamente relevante. O estudo da história das ciências forneceria indicações de extrema importância para o estudo do desenvolvimento cognitivo da criança." Essa tese, ao nosso ver, implicaria em se sustentar um paralelismo entre o desenvolvimento histórico dos saberes e o desenvolvimento psicogenético do indivíduo, interpretação que, não obstante, parece rejeitada por Inhelder no prefácio que compôs para *Psicogênese e história da ciência*, de Piaget e Garcia. Enfaticamente, escreve Inhelder: "A intenção dos autores nesta busca de mecanismos generalizados não é, de modo algum, descobrir correspondências termo a termo, menos ainda supor uma recapitulação da filogênese pela autogênese nem, tampouco, deter-se em propor evidências de analogias de sucessão. O que intentam saber é se os mecanismos de passagem de um período histórico ao seguinte, no contexto de um sistema conceitual, são análogos aos mecanismos de passagem de um estágio genético aos seus posteriores." Não obstante, apesar da ressalva, permanece intacta a minha impressão de que Piaget jamais abandonou certo vínculo com o recapitulacionismo ou com o paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo da criança e

[1] Cohen, Bernard I. The many faces of history. In: Delzell, Charles S., ed. *The future of history*. Vanderbilt University Press, 1977.
[2] Hebb, Donald. *Introdução à psicologia*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1971.

o desenvolvimento cognitivo registrado ao longo da história da ciência, especialmente explorado na lógica e na matemática, bem como na física. Chego mesmo a suspeitar de uma adesão não explicitada do mestre de Genève a uma concepção historicista.

Entrementes, o que vale aqui ressaltar é a importância atribuída ao conhecimento da história da ciência e o fato de que um grande psicólogo como Piaget percebeu a relevância do conhecimento conjunto de sua ciência com sua história.

Assinale-se que o praticar a história – e me refiro claramente à história da psicologia – como atividade central e principal alcança vasto significado. No seu escopo inclui-se a reavaliação de contribuições e analisá-las em função de uma perspectiva diversa da que marcou seu tempo e, muitas vezes, desvelar significados ocultos em concepções que parecem muito novas e na verdade não o são. Dou um exemplo. Em psicologia social, longa e brilhante foi a carreira de uma fecunda linha de pesquisa. Refiro-me a da dissonância cognitiva. Foram milhares de trabalhos que se detiveram em investigá-la. Mas se deve pouca ou nenhuma importância ao fato de que, no fundo, o que se redescobria era a relevância do princípio da contradição, com profundo enraizamento na história da filosofia e com papel fundamental na lógica aristotélica. De novo, o que se detectava era de pouca significação. Pois, fazer história é fazer isto. É fazer algo que nos coloca numa posição muito próxima do fazer filosofia da história. Fazer isso é conhecer melhor a própria ciência de nosso tempo. É distinguir nela o que de fato é novo do que é meramente tributário do passado. Reforça-se neste passo a clássica afirmação de Feyerabend e Canguilhem de que ninguém conhece bem sua ciência se não lhe conhece a história.

Na condição de segmento de uma disciplina mais ampla – a história da ciência – a história da psicologia se beneficia do que se possa conhecer dessa área. Quantas vezes o conceito que renova um determinado domínio não provém, por empréstimo, por traslado, de um outro domínio de fronteira. Explorei isso em meu recente livro *História e psicologia*, especificamente no capítulo dedicado aos Anos cinqüenta e a história da psicologia. Inspirado principalmente em Morin, em F. Jacob, em Roman Jakobson, em Jean Hamburger, etc., o que tentei fazer nesse capítulo foi mostrar a importância das grandes modificações introduzidas no campo da biologia molecular, imunologia, antropologia, cibernética, etologia, ecologia, etc., no que concerne às transformações impostas a vários dos conceitos básicos com que a psicologia sempre operou.

Creio, em função disso, que importa muito que o estudo da história da psicologia não se dissocie do estudo da história da ciência, disciplina cuja introdução no mundo acadêmico procedeu tardiamente e após imensas resistências. Especialmente no que se refere à França, mostrei como foi difícil a criação dessa disciplina no College de France e posteriormente na Sorbonne. I. Bernard Cohen registra as dificuldades que se opuseram à sua introdução nas grandes universidades americanas, registrando que só em 1925 é que se criou a Sociedade de História das Ciências e se editou a primeira grande revista especializada, denominada *ISIS*.

Um aspecto extraordinariamente importante no estudo da história da psicologia – no caso com um profundo envolvimento em intensa atividade de pesquisa –, é a descoberta de trabalhos que, ou não chegaram a ser publicados ou ficaram apenas esboçados. Mestre neste tipo de pesquisa é o nosso querido presidente de honra, o eminente professor Josef Brozek, a quem se deve ainda recentemente a publicação de seu belíssimo trabalho sobre J. E. Purkyné e a psicologia. Terei a honra de resenhá-lo em breve para os *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Notá-

vel, por igual, a intensa atividade de pesquisa realizada no Instituto de História da Psicologia Moderna, em Passau, na Alemanha Ocidental, sobre trabalhos não publicados de Ebbinghaus.

Claro que todos esses estudos inserem-se como produções figurais no amplo fundo investigado pela história da cultura. Pessoalmente entendo que uma imensa justificativa para que se intensifiquem os estudos da história da psicologia é o fato de que cabe como inteiramente válida o percebê-la como um fecundo método de pesquisa da atividade de produção e resolução de problemas. Julgo que, por todos os títulos, sua validade como método de pesquisa supera, nesse campo, a do método experimental. Neste se descarta, obviamente, um momento extremamente significativo no processamento da atividade intelectual que é o da detecção de um novo problema. Na verdade, a nível experimental, opera-se sempre com um problema que, de fato, não o é para o pesquisador. E para o sujeito do experimento apenas resta a descoberta de uma estratégia eficaz para resolvê-lo. Com o estudo da história da psicologia, e mais ainda da história da ciência, enseja-se a oportunidade de se investigar o próprio momento da criação do impasse ao lado das tentativas e *insights* que propiciam sua solução. De resto Wertheimer, em seu notabilíssimo *Productive thinking*, o utilizou empregando-o brilhantemente ao estudar o pensamento de Galileu e de Einstein para apenas citarmos dois exemplos.

Creio que tudo isso assim tão singelamente apresentado convalida a tese da relevância do estudo da história da psicologia. E por certo não foi, como assinalei no começo desta intervenção, de modo algum exaustivo. Toda uma outra abordagem caberia ser aqui registrada. Refiro-me a da psicologia histórica, introduzida por Meyerson e hoje brilhantemente representada por Vernant.

No que concerne ao estudo da história latino-americana da psicologia – objeto específico deste seminário – sua validade propõe-se basicamente no campo da história da cultura. Permite que se conheça melhor os povos que conosco formam a comunidade latino-americana. A troca de informação sobre o passado e o presente de cada grupo nacional oferece o melhor caminho para um mais intenso e afetivo modo de convivência, unindo-nos de forma extraordinária. Aqui, inclusive, quero registrar, como homenagem merecida, o recente trabalho do professor Ardila, que pioneiramente se entregou a essa atividade em nossa comunidade. Creio que, neste momento, como representantes de nações em desenvolvimento e convivendo com suas dificuldades, tudo quanto possa concorrer para nossa união será da mais alta importância para efeito de resistirmos à opressão econômica que as nações ditas "mais desenvolvidas" exercem sobre todos nós.